



## *Vovô, Meu Companheiro de Infância*

O mundo foi sempre jovem para aquêle velho, porque êle procurava constantemente novas experiências que lhe dessem a medida de suas próprias reações. Às vêzes, naturalmente, metia-se em trapalhadas

*David O. Woodbury*

**A**TÉ AO DIA do acidente com o bonde mamãe nunca chegou verdadeiramente a compreender meu avô. Para ela, vovô era “aquêle velhote impossível”. Para começar, êle era inventor e

fazia questão de que eu também o fôsse. Mamãe fazia questão do contrário.

Desde o início fiquei do lado de vovô. Êle andava sempre metido num velho avental de carpinteiro e



tinha invariavelmente maravalhas instaladas na barba e serragem nos óculos de aros de aço. Eu me emporcalhava propositalmente a fim de parecer-me com êle o mais possível — para aflição de minha mãe.

Vovô costumava colocar o formão em minhas mãos infantis procurando guiá-las “para que você possa me ajudar quando crescer, Davey”. Podia ser também o martelo, a machadinha, ou uma lata de tinta. Mas essas não eram as armas que mais alarmavam mamãe. O que a assustava era aquilo a que vovô se re-

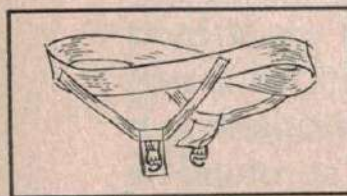
feria como sua “capacidade para surpresas”. Dizia êle que quem quisesse inventar alguma coisa deveria acolher de bom grado tôda experiência nova, olhar para tudo em redor com senso de admiração e entusiasmo. É preciso que a pessoa se aprofunde e aprenda, em qualquer situação que se encontre, para sentir-se inspirada e passar a outras experiências novas.

Algumas das aventuras em que êle me envolveu foram perigosas. Outras me deixaram apenas sujo, molhado, ou atrasado para o almoço. Tôdas elas, entretanto, deixavam



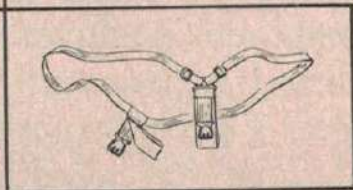
Elas estão falando do **Cinto Modess em "V"**, que mantém o absorvente Modess na posição mais segura. O cinto Modess com formato em "V" é feito do melhor elástico — não enrola.

**Cinto Modess** "V"  
com formato em "V"  
é tão confortável...  
e tão prático!



Cinto Modess em "V"  
ajusta-se à sua cintura

Cinto Modess Regular  
usa-se com alfinêtes  
ou com presilhas



★ **ATENÇÃO:** Se V. deseja maior segurança, conheça a nova calça higiênica "Serena".

mamãe furiosa. E papai? Êste não ajudava mamãe em coisa alguma. Dizia apenas que vovô estava-me fazendo bem.

As coisas ficaram um pouco tensas certo verão que passamos na praia, quando eu tinha quatro anos. Vovô me levava pela mão até aos alicerces de nossa nova casa, onde um velho chamado André se preparava para dinamitar um ressalto de pedra. André tinha perfurado a pedra com uma broca manual, e depois descobrira que os orifícios eram pequenos demais para que nêles entrassem os cartuchos de dinamite. Estava sentado, aparando com a faca o explosivo gorduroso e amarelo, para reduzi-lo ao tamanho exato. Enquanto o fazia ia metendo as aparas na bôca e mastigando-as. Era muito mais barato do que fumo de mascar, observou êle, e o gôsto era o mesmo.

—Tome, Davey—disse vovô, que sabia exatamente o que estava fazendo, embora *eu* não o soubesse.— Experimente um pouco.

—Di-mite—murmurei eu, enchendo a bôca com aquela coisa.

Nessa altura mamãe chegou.

—O que é que o senhor está fazendo *desta vez* com a criança?— perguntou ela a vovô.

Depois, abrindo minha bôca à fôrça, exclamou:

—Serragem! Pelo amor de Deus, será que o senhor não sabe que não deve deixá-lo comer *serragem*?

Ràpidamente, escavou com dedo feroz a massa que eu tinha na bôca.

**Johnson & Johnson**

— O NOME QUE GARANTE QUALIDADE

Vovô respondeu com um sorriso: —Isso não é serragem, Marcia. É dinamite.

—*Dinamite!*

Mamãe lançou um olhar horrorizado a vovô, pegou-me no colo e desapareceu.

Depois disso, vovô passou uma porção de dias no ostracismo, e eu não tinha permissão de espécie alguma para ficar com êle sozinho. Porém compreendi mais tarde que a aventura tivera um propósito. Vovô me ensinara que as coisas perigosas são inofensivas se a pessoa souber lidar com elas. Estava-me ensinando critério, coragem e capacidade para enfrentar coisas novas.

Mamãe não via nada disso—até ao dia da demonstração com o bonde. Naquela ocasião eu estava com cinco anos e freqüentava o jardim da infância da Sr.<sup>ta</sup> Donnelly, em Bóston. Ao fim do dia era hábito da senhorita trazer os seus pupilos até à esquina da Rua Boylston e lá esperar que os pais viessem buscá-los. Aos sábados, nós saíamos ao meio-dia e, como regalo especial de fim-de-semana, vovô tinha licença de vir buscar-me e levar-me para uma tarde de exploração pela cidade que êle conhecia tão bem.

Veio então uma tarde de sábado, lá por volta do fim do inverno. Havia neve semiderretida por toda a parte, e, enquanto nós esperávamos junto da rua movimentada, dávamos os gritinhos de alegria próprios dos cinco anos vendo as asas cinzentas de lama esparramadas para

## INSUPERÁVEIS OS MODERNOS ELETRO-DOMÉSTICOS

# LORENZETTI



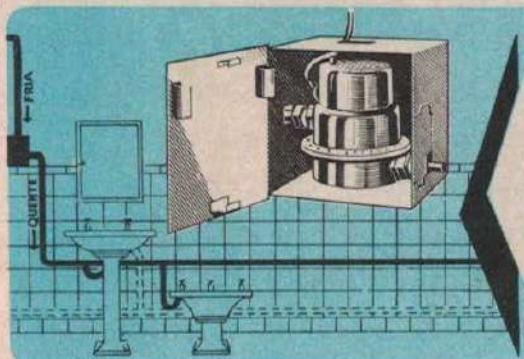
### Chuveiro LORENZETTI

O melhor. O legítimo.  
De grande jato. 100%  
automático. 110-220 V.



### Torneira LORENZETTI

Água quente ao abrir  
a torneira. Cromada e  
elegante. Econômica.



### Aquecedor LORENZETTI

Substitui o aqueci-  
mento central com  
grande economia.  
Embutido ou não.  
Aquece rapidamente.



### Superbomba LORENZETTI

Especial para poços  
profundos até 50 m.  
Tôda blindada e ino-  
xidável. Econômica e  
garantida. 110-220 V.

Fabricados e  
garantidos pela  
maior fábrica de  
material elétrico  
da América do Sul.

## INDÚSTRIAS BRASILEIRAS ELETROMETALÚRGICAS S. A.

São Paulo: Av. Pres. Wilson, 1230 - Caixa Postal 2582  
Rio de Janeiro: R. Ubaldino Amaral, 95 - Fone: 32-5766

Representantes em tôdas as capitais dos Estados. Consulte as listas telefônicas locais.

ambos os lados pelos bondes em disparada. Pouco a pouco, uma a uma, as crianças foram procuradas; no fim, só eu e uma garotinha, cujo nome era Sally, ficamos esperando. Os dois tentávamos impacientemente nos libertar das mãos da professora.

Daí a pouco apareceu minha mãe, subindo apressadamente a rua.

—Hoje sou eu que vim apanhar David—disse ela.—Disse ao avô dêle para não vir.

A senhorita Donnelly hesitou:

—Mas não é o senhor Woodbury aquêle que vem vindo ali?

A atenção da professora se fixou momentâneamente em vovô, lá no princípio da rua. De repente, a pequena Sally soltou-se da mão da Sr.<sup>ta</sup> Donnelly e precipitou-se para a Rua Boylston, interessada em ver de perto o extasiante pátio de manobras ferroviárias que ficava do outro lado. Naquele instante passou um bonde em disparada, com destino ao centro, tocando alto a sua campainha. Sally tropeçou, caiu—e desapareceu sob as rodas!

O motorneiro freou violentamente, e o bonde parou de chôfre. Ouviram-se gritos e exclamações de horror dos passageiros e circunstantes. Horrorizada, mamãe me agarrou nos braços e começou a fugir do local. Mas eu tanto me contorci que me libertei dela e saí correndo pela rua, para os braços de vovô, contando-lhe aos gritos, incoerentemente, o que tinha acontecido.

Agarrando meu pulso com uma

firmeza desconhecida para mim, êle se encaminhou a passos largos para o local do acidente, com mamãe atrás, exigindo que êle me largasse. Nessa altura, já havia uma multidão rodeando a frente do bonde, sem saber o que fazer, todos esticando os pescoços e gritando perguntas.

Depois, num segundo, fêz-se um silêncio, no qual a voz tranqüila de vovô, em tom quase normal, parecia cortante como uma lâmina.

—Deixe o menino em paz, Marcia. Isso é algo que eu desejo que êle veja.

Varoua multidão aos empurrões.

—Afastem-se todos e fiquem quietos. Senhorita Donnelly, venha ajudar-me.

As pessoas recuaram, cedendo a essa autoridade definida.

—E agora, onde está a menina?

—Ali . . . debaixo do carro—murmurou a Sr.<sup>ta</sup> Donnelly, num susurro áspero.

Vovô atirou-se na lama, de bruços, e esgueirou-se rapidamente para baixo do bonde. Eu fiquei parado pertinho, procurando ver para onde êle fôra.

Daí a pouco, apareceram de nôvo as pernas de vovô e depois o resto dêle. Seus óculos tinham sumido e seu sobretudo estava todo manchado de gordura e lama. A conhecida chama da aventura ardia em seus olhos.

—A criança está viva—disse êle, calmamente.—Mas está prêsa sob o carro da frente. Teremos de levantar o bonde para tirá-la.

Havia autoridade na sua voz habitualmente modesta. Fiquei empolgado com a maneira pela qual êle se movimentava em meio à multidão, dizendo aos homens onde deveriam colocar-se, ordenando-lhes rapidez. Depois, com as pernas bem abertas, êle mesmo agarrou a frente do bonde.

—Todos juntos . . . agora . . . levantem!—gritou êle.

Os homens gemeram e retesaram os músculos, num esforço gigantesco, mas não bastou. Tentaram de novo e falharam.

—Chega!—ordenou vovô.—Não gastem suas fôrças. Vamos levantá-lo com alavanca. Venham comigo, todos!

Os homens atravessaram precipitadamente a rua, em direção à sólida cêrca que se estendia ao longo do pátio de manobras. Arrancaram várias pranchas pesadas, carregando-as para o local do desastre. Depois, orientados por vovô sôbre os pontos onde devia ser localizada a fôrça de elevação, enfiaram meia dúzia de sólidas alavancas sob o carro dianteiro do bonde.

—Aperte bem os freios, motorneiro!—ordenou vovô.—Agora, vamos juntar seis ou oito homens para cada prancha, lá na ponta, e *levantar*. Todos juntos. Um, dois, três, **FÔRÇA!**

Deviam ser uns 30 homens levantando as pranchas, todos gritando juntos. “Fôrça! Fôrça! Mais, mais. . . cada um tem de dar tudo. . . **FÔRÇA!**” De milímetro em milímetro, o pe-

sado veículo subiu, parou, subiu de novo.

Vovô se pôs novamente de joelhos.

—Segurem com fôrça!—gritou êle, e esgueirou-se outra vez para baixo das rodas.

A coisa não pode ter durado meio minuto, mas pareceu durar uma hora. Êle nunca mais sairia lá de baixo? Os rostos dos homens que faziam esforço começaram a arroxear-se; alguns ficaram muito brancos; era evidente que êles não conseguiriam manter o carro levantado durante muito tempo. Continuaram ali parados, no meio da lama, com as grandes pranchas vergando, até me parecer que iam arrebentar.

Ouviu-se a voz de vovô, abafada, saindo de baixo do carro.

—Agora, puxem-me para fora. Devagarinho, devagarinho. Nada de pressa.

Nessa altura já tinha chegado um médico. Êle e a Sr.<sup>ta</sup> Donnelly puxaram as pernas de vovô, fazendo-o pouco a pouco voltar ao ar livre, enquanto eu me agitava atrás dêles, murmurando apavorado:

—Vovô, vovô, vovô!

E se os homens não conseguissem sustentar as pranchas o tempo suficiente, e o pêso todo do bonde se abatesse sôbre êle?

Finalmente vovô saiu, com a garotinha nos braços. Sua cabecinha, com aquêles cachos comovedores, pousava no seu ombro e os braciños minúsculos balançavam inertes. Havia sangue numa das meias brancas de Sally.

Correu pela multidão um suspiro, quando os homens soltaram um gemido de exaustão e deixaram o carro cair novamente sôbre os trilhos. Foi estendida na rua uma pilha de casacos, para que vovô depositasse sôbre êles a pequenina vítima. O médico ajoelhou-se ao lado dela. Eu não vi o que aconteceu em seguida, pois me atirara sôbre vovô, abraçando suas pernas molhadas e gordurosas.

Lembro-me que depois um homem elegantemente vestido arrancou o sobretudo e atirou-o sôbre os ombros de vovô.

—Fique com isso—disse êle.—Foi o gesto mais belo que já vi, e o mais corajoso. Quero apertar-lhe a mão.

Lembro-me também que o médico levantou a cabeça.

—É um milagre—disse êle.—Creio que não passa de uma perna quebrada.

E lembro-me ainda de ver de repente mamãe abraçando vovô e beijando seu rosto enlameado.

—O senhor foi maravilhoso!—gritou ela.

E os dois se abraçaram felizes, ali mesmo, no meio da multidão.

Eu pensei naquele dia durante semanas—e anos. E desconfio que mamãe fêz a mesma coisa. Pelo menos aumentou sensivelmente a sua compreensão de que um homem—ou um menino—pudesse sentir a necessidade de fortalecer-se com novas experiências para que, acontecendo o imprevisto, êle o pudesse aproveitar como uma oportunidade.



### *Cara ou Coroa?*

UMA VEZ, eu e meu tio, Sigmund Freud, discutíamos a dificuldade que têm certas pessoas para tomar uma decisão.

—Vou contar a você o que digo a essa gente—declarou êle.—Peço-lhes que tirem cara ou coroa.

—Não pode ser—disse eu indignada.—O senhor, um homem de ciência, guiando-se por uma absurda questão de sorte!

—Não estou dizendo que se deva seguir cegamente o resultado do cara ou coroa—respondeu meu tio.—O que eu quero que a pessoa faça é ver o que a moeda indica. Em seguida, verificar suas próprias reações. Isso ajuda a ver como realmente nos sentimos, bem no íntimo, com relação ao assunto de que se trate. Tomando isso por base, a pessoa estará, então, em condições de firmar um ponto de vista e chegar à decisão acertada.

—Hella Freud Bernays



*O mais próximo da perfeição a que chegam muitas pessoas é quando estão preenchendo o formulário de pedido de emprêgo.*

—Ken Kraft